

População enfrentou problema

Apesar do movimento grevista dos rodoviários do Distrito Federal, ônibus e passageiros circularam ontem pela cidade nas principais vias de acesso como a W/3 à tarde e no eixão. Ao contrário dos demais dias da semana onde os motoristas se primavam pelo excesso de velocidade, os transportes coletivos rodaram ontem em marcha lenta.

Esperando um ônibus que a levasse à Cidade Ocidental, desde às 11h30 da manhã, Francisca Auxiliadora da Silva, com os seus três filhos pequenos, 7, 4 e 3 anos não havia ainda conseguido transporte até às 15 horas. Sob um sol escaldante e em prantos, ela aguardava na primeira parada no eixão depois da rodoviária, o momento de chegar em casa para dar alimentação e água para as suas crianças.

Populares à sua volta, ansiosos para a passagem dos coletivos que eram mais frequentes para Sobradinho, Gama e Taguatinga tentavam ajudar, procurando viaturas da PM que pudessem transportar Francisca Auxiliadora até a sua casa. Mas sem sucesso, temiam que as crianças viessem a iniciar um processo de desidratação em função do calor que estavam submetidas. Nas proximidades, nenhuma sombra de árvore e tampouco uma barraquinha de frutas.

Ao seu lado, um outro passageiro enfrentava um problema diferente: Ronaldo José de Oliveira, garçon, resolveu comprar uma televisão. Como havia conseguido transporte coletivo com certa facilidade pela manhã, tentava inutilmente voltar para Ceilândia Centro com o seu pesado fardo. Esperando desde às 14 horas foi informado por um companheiro de "espera" que transporte para Ceilândia somente seria possível às 17 horas.

Mais adiante, a situação era menos tensa. Os demais pontos de parada de coletivos do eixão agrupavam menor número de pessoas. Em frente ao Cine Karim, o dono de uma quitanda transferiu o seu carrinho com laranja, refrigerante e doces para a sombra de uma árvore nas proximidades. Solidário com a angústia dos que esperavam o momento de conseguir uma condução, ônibus ou carona que diversos brasileiros em veículos particulares ofereciam gratuitamente, Francisco de Assis Machado de Oliveira vendia com certa facilidade o seu produto. Pela manhã foram consumidas mais de 200 laranjas, ao preço de um cruzado a unidade.

Quando aparecia a uma certa distância o transporte todos ficavam em pé para facilitar a leitura do percurso. Enquanto a metade subia depressa, a outra conformadamente voltava a se estender sobre o gramado.

Francisco Machado, testemunha ocular do movimento naquela parada fez a sua análise: "Os motoristas que estão furando a greve e voltando a dirigir estão com má vontade — nem sempre eles param". Depois das 20 horas começam a cobrar um verdadeiro absurdo pela passagem, que varia de 20 a 40 cruzados e até mais. "Acho que o governo deveria tomar uma providência porque a população está prejudicada".

Mas para a CUT, elas já estão sendo tomadas. Mais de 180 rodoviários foram levados ontem para o Departamento da Polícia Federal, além de um tiro que partiu da PM atingindo o cobrador Luiz Antônio Moreira de raspão na coluna cervical. Negado o socorro pela viatura da PM, o cobrador foi socorrido pelo diretor do Sindicato



dos Rodoviários, Azeion Ferreira, o "Ferreirão", para o Hospital Regional de Taguatinga. O incidente aconteceu durante a madrugada no setor O — Ceilândia Norte, nas proximidades da garagem da Pioneira.

Na sede da CUT, onde está instalado o comando de greve, rodoviários apresentavam as suas carteiras de trabalho afirmando que pelo salário de 2.504 cruzados não voltariam a trabalhar. Alguns já estavam até mesmo pensando em mudar de profissão para pedreiros, serventes e outras mais. Enquanto isto, o telefone insistentemente recebia chamadas de rodoviários desorientados por informações, segundo eles veiculadas por rádio e TV de que a greve teria acabado.

A palavra de ordem do comando, entretanto, era de dar continuidade ao movimento de paralisação. A decisão caberia à assembleia marcada para às 17 horas no Ginásio de Esporte Cláudio Coutinho. Enquanto aguardavam a chegada dos companheiros, rodoviários de plantão no local liderados por um representante do comando de greve, a cobradora Edite Negreiros, da Viplan esperava aproximadamente 100 rodoviários para a assembleia em função da dificuldade de transporte dos mesmos para o ginásio Claudio Coutinho. Para ela, a greve continua. Um pouco mais exaltado, o motorista Antônio Carlos dos Santos, da Pioneira criticou o GDF por atribuir ao movimento grevista o caráter político, essencialmente petista. "Se o governador José Aparecido negociou com os bandidos da Papuda, porque se recusa a negociar com os trabalhadores?", perguntou.

Engarrafamento

Os motoristas de táxi foram unânimes em afirmar que o movimento de paralisação está prejudicando o trabalho da categoria. Nos primeiros dois dias, o movimento foi bom, mas agora está devagar, disse o motorista Carlos Assis — TX-3856. A mesma opinião teve Jerônimo Manoel de Jesus, que se orgulha do apelido de Mussum, do TX-2501, atribuindo ao fraco movimento a desativação do comércio. As lojas estão fechando mais cedo porque os funcionários, com a falta de transporte, não estão podendo chegar ao trabalho. Até a Casas da Banha que fechava às 22 horas, encerrou ontem às 8h30. No Venâncio 2000, o comércio não passa das 18 horas e muitas lojas nem sequer foram abertas hoje. Wilson Nunes, TX-0164, afirmou ainda que o engarrafamento no Plano Piloto e nas satélites como Taguatinga, Guará e no Setor de Indústria tornam as corridas demoradas, o que prejudicava a atividade. Gastamos mais gasolina e colocamos o carro em risco. O tráfego praticamente dobrou, acrescentou — "todo mundo está tirando o carro da garagem. Basta observar os estacionamentos lotados, principalmente dos setores comercial Sul e Norte", frisou José Wilson, TX 3335